Relato de um projeto de pesquisa: da Lenda de Jurupari aos Boletins Italianos do Conde Ermanno Stradelli

Aurora Fornoni Bernardini
(USP)

RESUMO: Apresenta-se aqui o roteiro de uma pesquisa realizada em diversas etapas sobre a obra do explorador italiano conde Ermanno Stradelli (1852-1926). A pesquisa pretendeu realçar o valor antropológico e literário da obra do autor, reavivar o interesse pela publicação em livro do *Vocabulário Nheengatú-Português e Português-Nheengatú*, obra máxima de Stradelli, publicada em revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro em 1929, e localizar seus *Boletins* em diferentes instituições italianas, para futura tradução e edição.

PALAVRA-CHAVE: Ermanno Stradelli; projeto de pesquisa.

1. Introdução: breves noções sobre a vida e a obra do conde Ermanno Stradelli

Meu interesse pela obra do explorador-folclorista-etnógrafo-potólogo ítalo-brasileiro Ermanno Stradelli (1852-1926) data de 1997. quando, a pedido de meu ex-orientando, ex-bolsista da FAPESP e atualmente professor-adjunto da UFSC, Sérgio Medeiros, realizei para o livro *Makunaíma e Jurupari* (São Paulo, Perspectiva, 2002) a tradução de obra coletada por Ermanno Stradelli e por ele vertida para o italiano com o título de *La leggenda del Jurupary*¹ (a versão italiana, jamais traduzida para o português, é a única que sub-

1 O texto em italiano de Ermanno Stradelli *La Leggenda del Jurupary* foi publicado inicialmente em Roma no *Bollettino* da Società Geographica Italiana, 1890 (Serie III, v. III pp. 659-689; 798-835). Em 1964 o texto da tradução foi novamente impresso pelo Istituto Italiano di Cultura de São Paulo, como *Quaderno* n. 4 de suas publicações com o título “*La Leggenda del Jurupari*” e outras lendas amazônicas. A *Leggenda* ocupa as páginas 13-66 e, em seguida, há duas outras lendas: *Pitiápo: lenda uanana* (pp. 67-92) e *Leggenda dei Taria* (pp. 93-100), publicada pela primeira vez por Stradelli em 1896 como trabalho autônomo (cf. relação das suas obras). Apresentando o volume (pp. 7-10) há um comentário em português de Ettore Biocca: *Stradelli e o mito do Jurupari*. O exemplar do *Quaderno* n. 4 a partir do qual foi realizada a presente tradução encontra-se na Biblioteca Municipal de S. Paulo, Mário de Andrade.

siste, tendo desaparecido o original em língua nheengatu (uma das fases da Língua Geral Amazônica, falada no início do século passado no Alto Rio Negro). Na oportunidade, lembro ter ficado extremamente impressionada pelo considerável conjunto de lendas de índios de diferentes etnias reunidas pelo folclorista, a quem o índio Maximiniano José Roberto, o “tuxaua espiritual de Tarumã miri” no dizer do folclorista Câmara Cascudo, elegera para confiar os originais, preterindo outros postulantes.

De Maximiniano José Roberto, o chefe indígena que coletou numerosas lendas do vale do Uaupés, não se conhecem as datas de nascimento e de morte. Sabe-se, pelas palavras de João Barbosa Rodrigues², que “em 1873 ainda era bem menino” Luís da Câmara Cascudo, em sua biografia *Em memória de Stradelli*³, dedica a obra ao autor indígena com as seguintes palavras:

MAXIMINIANO JOSÉ ROBERTO, Max J. Roberto, companheiro de Stradelli, filho de índios Manáos e Tarianas, tuixáua espiritual de Tarumã-miry, príncipe amazônico, recolhedor apaixonado de centenas de lendas maravilhosas e seguras como documentação etnológica; revelador da divindade selvagem de Jurupary, talento de pesquisa na audição amorosa às velhas vozes de sua raça desaparecida.

Entendia a falla da mata, dos rios, dos pássaros. Descobridor do filão luminoso, viveu distribuindo o ouro de que só ele conhecia o invisível roteiro. Ignorada e gigantesca intelligencia, simples e generosa, forte e solidário em seu sonho mysterioso e absorvedor.

Ainda em sua Biografia (pp. 62-63), Câmara Cascudo assim descreve o autor:

Max. J. Roberto descendia, pelo pai, dos índios Manáos e pela parte materna dos Tarianas do rio Uaupés, de onde parece ter irradiado o culto de Jurupari, sobrepondo-se aos cultos primitivos, possivelmente pela sorte das armas [...] Sua mãe era irmã de Mandú, tuixáua tariana de Juareté. [...] Max J. Roberto passava tempos longos viajando entre a indiaria, ouvindo seu passado e registrando, com fidelidade absoluta, as odysséas que nenhum Homero rythmará. Falava admiravelmente o nheêngatú e diversos dialectos. Era conhecidíssimo entre as várias tribos. Acompanhou Stradelli numa jornada de estudos ao rio Uaupés.[...] Max J. Roberto reuniu, ouvindo dezenas e dezenas de índios, as histórias de Jurupary e notou a semelhança entre ellas e a versão dada pelo ethnógrapho [Stradelli] e pelos historiadores brasileiros. Contentou-se em manter o material, que ia colhendo, em pureza, sem commentar nem deduzir. Acabou entregando-o a Stradelli que o traduziu e adap-

2 In *Muyrakytã e os ídolos simbólicos*, v. II, 2 ed., p. VI, apud Héctor ORJUELA. *Yurupary: Mito, Leyenda y Epopeya del Vaupés*. Publicaciones del Instituto Caro Y Cuervo, LXIV. Bogotá, 1983.

3 Manaus: Livraria Clássica, 1936 [s.p.].

tou ao gênero das narrativas, articulando as phases do conto. Não citou ninguém nem pretendeu explicar o mytho.

Pelo que consta de várias fontes, Ermanno Stradelli foi o único depositário de seu manuscrito, embora o etnógrafo João Barbosa Rodrigues tivesse se esforçado por consegui-lo (Orjuela 1983: 128).

A biografia escrita por Luís da Câmara Cascudo (cujo título completo é *Em memória de Stradelli. Biographia. Jornadas geográficas. Tradições, Depoimentos. Bibliographia de Stradelli*, cit.) informa que o etnógrafo viveu 43 anos no Brasil, tendo nascido em Piacenza em 1852 de família da antiga nobreza e, por ser o mais velho de sete filhos, teve direito a usar o título de conde. Estudou em Pisa, onde iniciou os estudos de Direito. Publicou duas coletâneas de versos *Una gita a Rocca d'Olgisio* (1876) e *Tempo sciupato* (1877) e, sem terminar o curso universitário, resolveu ser explorador. Para tanto estudou topografia, farmácia, fotografia, homeopatia e outras disciplinas. Aprendeu Espanhol e Português e, descartando a África, que num primeiro tempo o atraía, desembarcou em Manaus em meados de 1879, de onde remontou alguns rios. Começou pelo rio Amazonas, até Fonte Boa e Loreto, onde conheceu o conde Alessandro Sabatini, que despertou seu interesse pelas línguas indígenas. Em 1881 visita pela primeira vez o rio Uaupés; no ano seguinte se une à Comissão Brasileira de Limites com a Venezuela e se torna amigo de um dos membros, o engenheiro Dionísio Cerqueira. Volta a percorrer o Uaupés até a *cachoeira de Jauretê* e viaja pelo Apaporis.

Mais tarde conhece João Barbosa Rodrigues e o incentiva a fundar o Museu Botânico. Participa com ele, em 1884, da pacificação dos índios Crichanás do Rio Branco e, após voltar para Manaus, decide regressar à Itália, onde termina o Curso de Direito e começa a advogar com o célebre jurista Orsini. Pensa, porém, em voltar para o Brasil e descobrir as nascentes do rio Orinoco. Sua viagem de volta ao Brasil, dois anos depois, é patrocinada pela *Reale Società Geografica Italiana*, em cujos boletins aparecerão, de ali por diante, os seus escritos. Segundo relatos correntes na época, não endossados por estudiosos como Cascudo e, mais recentemente, Orjuela (ambos citados), o explorador francês Chaffanjon, porém, já teria chegado à nascente do rio, no ano anterior. Continuou Stradelli assim mesmo suas expedições. Dirige-se à Venezuela e de lá a Manaus. Viaja pelo Orinoco e deixa suas memórias consignadas nos *Bollettini* (cf. relação abaixo). Visita Maipures, o baixo Vichada, já na Colômbia, e chega ao Brasil.

Entre 1890 e 1891 esteve novamente no Uaupés e em 1893 naturalizou-se brasileiro. Assim o caracteriza Câmara Cascudo, na obra citada (p. 48), pelas palavras de Júlio Nogueira:

... a sua figura impressionava a primeira vista. Meão de altura, cheio de corpo, com uma barbi-cha em ponta, os cabelos aparados rentes, Stradelli no vasto círculo de seus amigos agitava-se com vivacidade notável, mostrando-se um conversador expansivo, de riso fácil e espírito conciliante. Nunca o vi concentrado e frio.

Anos mais tarde é nomeado Promotor Público do II Distrito de Manaus e, a seguir, desloca-se para Labrea, no rio Purús. Após breve parêntese (1897) em que foi mais uma vez à Itália com o intuito (fracassado) de estabelecer um empório ítalo-brasileiro de produção de borracha, serviu até 1912 como Promotor Público em Teffé, morando solitário no alto de um morro, juntando os apontamentos sobre suas viagens, que pretendia reunir em um volume, preparando mapas e escrevendo artigos para a *Revista de Direito*. Em 1923 deixa o cargo por estar acometido de lepra e é recolhido ao Leprosário de Umibirisal, onde morre em 1926, sem haver visto publicada sua obra maior, que só sairia em 1929: *Vocabulário português-nheengatú e nheengatú-português precedidos de um esboço de gram-mática nheengatú-umbuê-sáua miri e seguidos de contos em língua geral nheengatú poranduu* (Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, 1929, tomo 104, v. 158, pp. 7-768).

2. Resumo da pesquisa

Continuei tratando da obra de Ermanno Stradelli, particularmente nos Encontros Anuais da IFNOPAP, dos quais passei a participar a partir de 1999. No III Encontro “Memória e Comunidade: entre o Rio e a Floresta”, realizado em julho de 1999, no Pará, analisei a tradução por mim realizada para o português de *La leggenda del Jurupari* e a figura e a importância de Stradelli, visto por dois de seus biógrafos: além de Câmara Cascudo (*Em memória de Stradelli*, cit., 1936), também o colombiano Héctor Orjuela (*Yurupary: Mito, Leyenda y Epopeya del Vaupés*, 1964-1983, cit.).

No IV Encontro da IFNOPAP “Cultura e Biodiversidade entre o Rio e a Floresta” (Belém, julho de 2000), tive ocasião de confrontar elementos do culto de Jurupari, visto por Stradelli, com uma variante mais tardia, de outro explorador, Gordon MacCreagh (*No Brasil inexplorado*, fotocópia. Milão, Ed. Genio, s/d., aprox. 1935).

O exame mais cuidadoso do ensaio biográfico *Em memória de Stradelli*, que Câmara Cascudo consagra entusiasticamente à memória de quem ele considera “o maior potógrafo da bacia do Amazonas” levou-me à convicção de que seria oportuno e conveniente, após a tradução da *Leggenda del Jurupari*, dedicar-me um pouco mais à pesquisa e divulgação da obra de Stradelli. Tendo isso em vista, propus-me ao seguinte:

- I - Cuidar da reedição do “monumental” *Vocabulário da Língua Geral Português-Nheengatu e Nheengatu-Português*, originariamente publicado pela *Revista do Instituto Histórico Brasileiro*, tomo 104, v. 158, de 1928. Rio de Janeiro, 1929. Com efeito, após correspondência com o Prof. Dr. Aryon Rodrigues, da UFBRA, e com os especialistas em etnoliteratura Gordon Brotherston e Lúcia Sá, prefaciadores da nova edição proposta, foram estabelecidos contatos com a Ateliê Editorial, sendo que no momento a obra, de aproximadamente 700 páginas, encontra-se em fase final de revisão.
- II - Efetuar o levantamento, a reunião e o estudo dos *Boletins* de Stradelli, a partir dos textos que se encontram no original italiano, ainda não traduzidos, em instituições italianas.

Para possibilitar esta parte da pesquisa tive o cuidado de tomar algumas providências preliminares, a saber:

- 1) Informar-me sobre quem estaria atualmente se dedicando ao estudo da obra de Stradelli, para verificar que não houvesse coincidência de propósitos.
- 2) Arcar com uma viagem à Itália (novembro 2002) para certificar-me da existência desses boletins, não apenas junto à *Società Geografica Italiana* de Roma, mencionada por Câmara Cascudo na citada biografia de Stradelli, mas inclusive no *Istituto Geografico Militare*, de Florença.
- 3) Arcar com uma viagem a Belém (julho 2001) para manter contatos diretos e/ou indiretos com a pesquisadora paraense Jussara Derejni, que colheu dados referentes ao autor, após visita à antiga casa dos Stradelli, em Borgotaro, Piacenza.

De posse dos textos, alguns dos quais (os mais antigos) foram copiados manualmente, resta a ser realizada a tradução para o português dos seguintes *Boletins* de Ermanno Stradelli, pesquisados respectivamente na *Società Geografica Italiana* de Roma e no *Istituto Geografico Militare* de Florença.

I Roma (*Società Geografica Italiana*):

- 1) La spedizione Stradelli alle sorgenti dell'Orenoco: da Atures a Maypures. Marzo, Luglio 1887. pp. 715-744.
- 4) Note di viaggio nell'Alto Orenoco: da Maypures a Cucuhy. Agosto, Settembre 1888, pp. 832-854.
- 5) Dal Cucuhy a Manãos. Gennaio 1889, pp. 6-26.
- 6) Rio Branco, note di viaggio. Marzo-Aprile 1889, pp. 210-228.
- 7) Leggenda del Jurupari. Luglio-Agosto 1890. (Tradução já realizada por mim, a partir do original republicado no Caderno n. 4, 1964, do Instituto Cultural

Italo-Brasileiro de S. Paulo, com o título de *A Lenda de Jurupari e Outras Lendas Amazônicas*, cit., 103 p.).

8) Leggende dei Taria. Marzo 1896, pp. 8-13.

9) Iscrizioni Indigene della regione dell'Uapès. Marzo 1900, pp. 457-483.

II Florença (Istituto Geografico Militare):

10) L'Uaupés e Gli Uaupés (con un disegno nel testo). Marzo 1890, pp. 1-31.

A pesquisa finalizada constará de:

- a) Tradução dos textos dos Boletins acima, acompanhada, quando possível, da cópia dos originais.
- b) Texto de apresentação da pesquisa que servirá de prefácio à futura publicação dos Boletins em um volume.

3. Metodologia empregada

Quanto à obtenção do material, foi realizada fotocópia dos Boletins e, quando isso não foi possível, foi feita cópia manual *in loco*.

4. Orientação

Para a tradução dos Boletins que porventura contenham termos arcaicos em italiano e notação indígena não atualizada segundo as normas etnográficas brasileiras, contaremos, respectivamente, com a ajuda de especialistas: o Prof. Dr. Luca Scarlini, de Florença, o Prof. Dr. Aryon Rodrigues, de Brasília, e dos dois prefaciadores do *Vocabulário*, os Professores Doutores da Universidade de Stanford, Gordon Brotherston e Lúcia Sá.

ABSTRACT: Il presente lavoro è la schematizzazione di una ricerca di alcuni anni sull'opera del piacentino Conte Ermanno Stradelli (1852-1926) che visse 43 anni in Brasile (Amazzonia), fu etnologo e autore di opere importanti, tra le quali il Vocabulário Nheengatú-Português e Português-Nheengatú, fino ad ora reperibile solamente come rivista dell'Istituto Histórico Geográfico Brasileiro (1929) - e di vari Bollettini, di cui si propone la traduzione e pubblicazione.

PAROLE CHIAVE: Ermanno Stradelli; progetto di ricerca.

Bibliografia suplementar

Além das obras citadas, apresenta-se a relação dos outros trabalhos científicos de Ermanno Stradelli (que não foram ainda copiados, mas que foi possível levantar) a serem consultados:

- STRADELLI, E. *Eiara: leggenda tupi-guarani*. Piacenza: Tip. V. Porta, 46 p. V. 16 (1885).
_____. *Ajuricaba* (1898). Poema publicado na revista *O Correio de Purús* [s.p.].
_____. *Due Leggende Amazzoniche*. Piacenza: Tip. V. Porta, 1900.
_____. *Pequenos vocabulários, grupos de línguas toscanas*. In: *3.ª Reunião do Congresso Científico Latino-Americano*. Rio de Janeiro, 1910, v. VI, pp. 253-317
_____. *Vocabulários de línguas falladas no Rio Branco*. Rio de Janeiro, 1910 (idem).
_____. *Dall'Isola Trinidad ad Atures - Ottobre-Novembre, 1887*. (*Bollettino* não constante nas instituições pesquisadas).
_____. *Contro l'immigrazione nei paesi dell'alto Orenoco. Agosto-Settembre, 1888*. (*Bollettino*, idem).
_____. *Pitiapò, Leggenda Umana*. Caderno n. 4 do Istituto Italiano de Cultura. S. Paulo, 1964.
GONÇALVES M., D. J. *La Confederazione dei Tamoi*. Piacenza: Tip. V. Porta, 1885.